



Prática Educativa

DESAFIOS PARA O ENSINO DE GEOPOLÍTICA: estratégias metodológicas para trabalhar com educandos analfabetos funcionais.

Hilena Oliveira Miranda¹
neandhertalis18@hotmail.com

Hilheno Oliveira Miranda²
hilheno@hotmail.com

Resumo

O ensino de Geopolítica na educação básica apresenta desafios significativos, especialmente quando se trata de turmas compostas por educandos em situação de analfabetismo funcional. Embora esses estudantes estejam alfabetizados e avancem nas etapas escolares, muitos enfrentam limitações graves na leitura, interpretação e escrita, o que compromete a construção de uma aprendizagem significativa. Essa condição interfere diretamente na compreensão dos conteúdos geopolíticos, que exigem articulação entre conceitos complexos, como processos históricos, relações de poder, dinâmicas econômicas e culturais que moldam a ordem mundial. Nesse contexto, este artigo teve como objetivo compreender desafios enfrentados pelos docentes no ensino de Geopolítica para educandos em situação de analfabetismo funcional. Para isso, foram definidos três objetivos específicos: (1) compreender as dificuldades no aprendizado de Geopolítica entre educandos com baixo domínio da linguagem escrita; (2) identificar metodologias de aprendizagem que favoreçam a participação ativa dos estudantes; e (3) realizar revisão de literatura com as palavras-chave: analfabetismo funcional, Geopolítica e educação básica, em busca de interseções e lacunas. A metodologia adotada foi a revisão bibliográfica, com levantamento de artigos publicados nos últimos cinco anos nas bases Google Acadêmico e Scielo. A análise das produções acadêmicas revelou que, embora existam estudos que discutem o ensino de Geografia e metodologias inclusivas, há uma lacuna importante na articulação direta entre o ensino de Geopolítica e as demandas específicas dos educandos em situação de analfabetismo funcional. Essa ausência reforça a necessidade de ampliar o debate sobre práticas pedagógicas que considerem as limitações cognitivas e sociais desses estudantes, propondo estratégias que tornem o conhecimento geográfico mais acessível e significativo. Os resultados da revisão indicam que enfrentar o analfabetismo funcional exige a revisão das práticas docentes, a valorização de metodologias ativas e o uso de múltiplas linguagens que favoreçam a aprendizagem coletiva. A construção de sequências didáticas que dialoguem com os saberes dos educandos e com o contexto local é essencial para estimular o pensamento crítico e a leitura de mundo. Além disso, destaca-se o papel ético do professor em reconhecer os saberes prévios dos estudantes e promover uma educação que respeite suas trajetórias e potencialidades. Por fim, este estudo reafirma que o ensino de Geopolítica, embora complexo, pode ser transformador quando sustentado por estratégias pedagógicas sensíveis às realidades dos educandos. A escola, como espaço de poder, deve mobilizar esforços para garantir que todos os estudantes desenvolvam as habilidades essenciais previstas no currículo, por meio de práticas que promovam autonomia, criticidade e emancipação intelectual.

Palavras-chave: analfabetismo funcional, geopolítica e educação básica.

¹ Especialista em Tecnologias e Educação Aberta e Digital da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB); Professora de Geografia da Educação Básica.

² Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste Baiano (UESB).



Introdução

A docência na educação básica enfrenta uma multiplicidade de desafios que se entrelaçam e impactam diretamente a prática pedagógica. Entre esses desafios, destacam-se a precarização das condições de trabalho, a desvalorização profissional, a baixa remuneração e as transformações na sociabilidade escolar provocadas pelo avanço tecnológico. Esses fatores alteram significativamente a dinâmica da sala de aula, exigindo dos professores uma constante reinvenção de suas estratégias de ensino.

Nesse cenário, o desafio se intensifica quando o docente se depara com educandos em situação de analfabetismo funcional, isto é, estudantes que, embora alfabetizados e em progressão escolar, apresentam dificuldades na interpretação de textos, na organização de ideias e na construção de significados. Essas limitações comprometem a aprendizagem significativa, especialmente em disciplinas que demandam leitura crítica e articulação de conceitos complexos, como é o caso da Geopolítica.

O ensino de Geopolítica nos Anos Finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio exige do professor não apenas domínio teórico dos conteúdos (Santos, 2022), mas também sensibilidade ética e compromisso com a adaptação curricular (Freire, 2002). Diante da necessidade de tornar o ensino mais acessível e relevante para educandos com dificuldades de leitura e compreensão, torna-se urgente discutir estratégias pedagógicas que superem abordagens tradicionais e estejam alinhadas à realidade sociocultural dos estudantes.

Este artigo tem como objetivo discutir os desafios enfrentados pelos docentes no ensino de Geopolítica para educandos em situação de analfabetismo funcional, destacando a importância de uma prática pedagógica crítica, inclusiva e contextualizada. A pesquisa adota como metodologia a revisão bibliográfica, por permitir a articulação entre teoria e prática docente, especialmente no contexto da formação de professores de Geografia e no enfrentamento das dificuldades de aprendizagem.

A análise das produções acadêmicas selecionadas busca compreender como os saberes construídos na experiência docente dialogam com a formação inicial e continuada, evidenciando estratégias que favorecem o protagonismo dos educandos e a construção coletiva do conhecimento geopolítico. A pesquisa também aponta para a necessidade de práticas pedagógicas que valorizem metodologias ativas, múltiplas linguagens e recursos didáticos diversificados.



Este trabalho está estruturado em três seções: a primeira aborda as dificuldades de aprendizagem em conteúdos geopolíticos entre educandos em situação de analfabetismo funcional; a segunda apresenta tendências pedagógicas que promovem participação efetiva por meio de metodologias ativas; e a terceira analisa os resultados da revisão de literatura, evidenciando lacunas na produção científica nacional a partir da busca nas bases Scielo e Google Acadêmico.

Desafios no ensino de Geopolítica para educandos analfabetos funcionais

A educação básica brasileira é atravessada por múltiplas tensões que impactam diretamente o cotidiano escolar. A precarização das condições de trabalho docente, a pressão por resultados em avaliações externas, como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), e as transformações nas relações sociais provocadas pelo avanço tecnológico configuram um cenário desafiador para a prática pedagógica. A escola, nesse contexto, torna-se um espaço de disputa sobre o modelo de educação pública a ser implementado, refletindo as contradições e desigualdades estruturais da sociedade.

Sob a lógica da promoção automática e da busca por indicadores positivos, muitos educandos avançam nas etapas escolares sem terem consolidado as habilidades essenciais previstas nos componentes curriculares. Essa realidade é agravada pela persistência do analfabetismo funcional, que, segundo dados da UNICEF, afeta cerca de 29% da população brasileira. Em 2018, esse índice atingia 14% dos jovens entre 15 e 29 anos, e, em 2024, subiu para 16%, evidenciando um quadro preocupante e persistente (Reis; Tavares, 2025).

O analfabetismo funcional representa um dos principais obstáculos enfrentados pelos professores, especialmente no ensino de Geopolítica, disciplina que exige leitura crítica, interpretação de textos complexos e articulação de conceitos históricos, políticos e econômicos. Muitos estudantes, embora alfabetizados, atuam como copistas, reproduzindo conteúdos sem compreendê-los, o que dificulta a apropriação do conhecimento e a construção de autonomia intelectual. Essa limitação reforça a marginalização social e consolida a ideia de que o saber é um privilégio restrito a determinados grupos.

Nesse sentido, o conceito de “capital cultural”, desenvolvido por Pierre Bourdieu (2007), oferece uma importante chave de leitura. O autor argumenta que os indivíduos herdam, de suas famílias, um conjunto de saberes, gostos e práticas que funcionam como uma espécie de moeda simbólica, capaz de garantir vantagens sociais e educacionais. O êxito escolar,



portanto, tende a ser proporcional ao capital cultural herdado, uma vez que o sistema educacional reproduz e legitima essas desigualdades. Como afirma Bourdieu (2007, p. 190), “a transmissão do capital cultural se reforça na medida em que se avançam nos estudos, pois cada vez mais na hierarquia destas instituições são asseguradas como benéficas estas vantagens”.

Outro desafio relevante é a desconexão entre os conteúdos trabalhados em sala de aula e os saberes dos educandos. Paulo Freire (2002) destaca a importância de reconhecer e valorizar os conhecimentos prévios dos estudantes, especialmente aqueles oriundos das classes populares. Ignorar esses saberes significa estabelecer uma barreira à aprendizagem, dificultando o engajamento e aprofundando o desinteresse. Como afirma o autor, “o dever de não só respeitar os saberes dos educandos, sobretudo os das classes populares, chegar a ela” (Freire, 2002, p. 17). A construção de um currículo que dialogue com a realidade dos educandos é, portanto, essencial para promover uma educação significativa e emancipadora.

Estratégias pedagógicas para ensinar Geopolítica

A Geografia Política, ao abordar as relações de poder e os usos estratégicos do território, constitui um alicerce teórico fundamental para o ensino de Geopolítica na educação básica. Originada nos estudos de Friedrich Ratzel no século XIX, essa subárea emergiu em meio a disputas territoriais e conflitos internacionais, revelando a estreita conexão entre espaço geográfico e decisões políticas (Silva; Teixeira, 2015). Compreender essa trajetória é essencial para construir abordagens pedagógicas que dialoguem com a realidade dos educandos e favoreçam a formação crítica desde os anos iniciais da escolarização.

No contexto atual, marcado por altos índices de analfabetismo funcional, o ensino de Geopolítica exige do professor não apenas domínio conceitual, mas também sensibilidade para adaptar os conteúdos à diversidade cognitiva dos estudantes. Os temas geopolíticos envolvem elevada complexidade, exigindo articulação entre processos históricos, relações de poder e dinâmicas econômicas globais. Para educandos com dificuldades de leitura e interpretação, esses conteúdos podem se tornar inacessíveis, o que reforça a necessidade de metodologias que traduzam conceitos abstratos em experiências concretas e significativas (Andrade; Barrocas, 2023).

Nesse cenário, o planejamento pedagógico deve considerar a heterogeneidade da sala de aula e promover adaptações curriculares que respeitem os ritmos e saberes dos educandos. A construção de materiais didáticos acessíveis, que utilizem múltiplas linguagens e recursos



tecnológicos, pode estimular o engajamento e facilitar a compreensão dos conteúdos geopolíticos. As produções didáticas devem estar alinhadas às habilidades e objetivos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), garantindo intencionalidade e coerência na prática docente.

Entre as abordagens mais eficazes destacam-se as metodologias ativas, que colocam o educando no centro do processo de aprendizagem. Essas metodologias valorizam a autonomia, o pensamento crítico e a problematização da realidade, permitindo que os estudantes construam o conhecimento a partir de suas vivências e curiosidades (Soares, 2021). Como destaca Freire (2002), a curiosidade é uma força propulsora da aprendizagem, e mesmo educandos que ultrapassaram o limite série-idade podem desenvolver habilidades cognitivas quando inseridos em ambientes de aprendizagem acolhedores e desafiadores.

A perspectiva de Vygotsky (2010) reforça essa ideia ao afirmar que a capacidade de aprender não está restrita à infância. Adultos também possuem grande potencial de aprendizagem, embora o processo ocorra de forma distinta. Isso exige do professor um olhar atento e uma postura reflexiva sobre sua prática, como enfatiza Freire (2002, p. 21) “ensinar exige do professor uma reflexão crítica de sua prática”.

A escolha das estratégias didáticas é, portanto, um ato político e ético, contribuindo para a superação das desigualdades educacionais ou, ao contrário, reforçar barreiras já existentes. Libâneo (2013) ressalta que a formação docente deve articular teoria e prática, oferecendo ao professor ferramentas para pensar criticamente sua atuação e aprimorar a qualidade do ensino.

O uso de diferentes linguagens (visuais, simbólicas, digitais) amplia as possibilidades de aprendizagem, especialmente para educandos com dificuldades na leitura convencional (Andrade; Barrocas, 2023). Recursos visuais, como mapas, infográficos, tiras cômicas e vídeos, podem ser incorporados em sequências didáticas bem planejadas, favorecendo a construção de significados e o desenvolvimento de novos códigos de linguagem (Vygotsky, 2010).

À medida que os educandos ampliam seus repertórios simbólicos e linguísticos, tornam-se mais capazes de interpretar o mundo e compreender as relações de poder que estruturam o espaço geográfico. Como afirma Bourdieu (2007), o acesso ao conhecimento está diretamente relacionado à familiaridade com os sistemas simbólicos. Por isso, é fundamental trabalhar com linguagens simples e complexas, de forma progressiva, para garantir que todos os estudantes possam avançar em seus processos de aprendizagem de maneira sólida e significativa.



Revisão de literatura: geopolítica, educação básica e analfabetismo funcional – intersecções e lacunas

A utilização de diferentes recursos de ensino permite que os educandos possam aprender de maneiras diversificadas para que seja possível explorar o conteúdo em ritmos distintos através de seu nível de desenvolvimento (Vygotsky, 2010). A experiência direta do educando deve ser o centro das aulas, selecionando metodologias e sequências didáticas não diretivas, que promovam engajamento e protagonismo. Assim, as metodologias ativas são importantes ferramentas, pois é possível que o educando possa construir o seu aprendizado através de etapas programadas onde ele é o protagonista.

Para instruir esse processo, o primeiro passo deve ser avaliação diagnóstica, para verificar o nível de aprendizagem de cada educando e suas dificuldades. Libâneo (2013, p. 60) afirma que: “a avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem”. Já Luckesi (2011, p. 148) conclui que: “o objetivo da avaliação da aprendizagem é subsidiar o ensino e a aprendizagem bem-sucedidos no interior de um projeto pedagógico”, realizando avaliações contínuas com a presença ativa do estudante, obtendo as devolutivas que o professor precisa para identificar os pontos de avanço e também onde é preciso melhorar.

Diante da heterogeneidade da sala de aula, o cuidado ao articular, o estímulo individual e ao mesmo tempo coletivo dos educandos, perpassa por um respeito à singularidade de cada um, tendo como ponto de partida a realidade na qual ele vive (Freire, 2002). Tendo-se, portanto, o objetivo de auxiliar no levantamento dos conhecimentos prévios e contexto dos assuntos a serem trabalhados:

Dizer que o professor 'tem método' é mais do que dizer que domina procedimentos e técnicas de ensino, pois o método deve expressar também uma compreensão global do processo educativo na sociedade: os fins sociais e pedagógicos do ensino, as exigências e desafios que a realidade social coloca, as expectativas de formação dos alunos para que possam atuar na sociedade de forma crítica e criadora, as implicações da origem de classe dos alunos no processo de aprendizagem, a relevância social dos conteúdos de ensino, etc. (Libâneo, 2013, p. 26).

A revisão de literatura realizada nesta pesquisa teve como objetivo identificar produções acadêmicas que abordassem os temas “analfabetismo funcional”, “geopolítica” e “educação básica”, com foco nos últimos cinco anos. A busca nas bases Google Acadêmico e Scielo resultou em cinco artigos que, embora dialoguem com os eixos temáticos de forma parcial, não



os articulam de maneira integrada. Essa ausência revela uma lacuna importante na produção científica nacional, especialmente no que se refere ao enfrentamento do analfabetismo funcional no ensino de geopolítica.

O artigo de Cardoso, Santos Netos, Silva e Silva (2023) destaca uma oportunidade potente, ainda pouco explorada, de conectar o ensino de geopolítica com o combate ao analfabetismo funcional. Ao tratar das relações de poder e conflitos globais, a geopolítica exige competências como leitura crítica, interpretação contextual e argumentação, justamente as habilidades comprometidas pelo analfabetismo funcional. A crítica à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que suaviza conteúdos políticos e prioriza habilidades genéricas, aponta para um esvaziamento da geopolítica como ferramenta formativa. Assim, o ensino bem estruturado da geopolítica pode funcionar como antídoto à formação superficial, promovendo o letramento crítico e a emancipação intelectual.

Jéssica Cecim (2023), ao discutir a constituição do conhecimento geográfico escolar por meio da geopolítica, não aborda diretamente o analfabetismo funcional, mas abre espaço para essa reflexão. A ênfase em escalas e territórios como organizadores do pensamento geográfico revela o potencial da geopolítica para combater a superficialidade da leitura e da interpretação. Ao mobilizar habilidades cognitivas complexas, como a análise de disputas territoriais e relações de poder, o ensino de geopolítica pode formar leitores críticos e conscientes, capazes de interpretar o mundo com profundidade.

O artigo de Ladeira e Leão (2023), ao analisar os reflexos da mídia no ensino de geopolítica, evidencia como narrativas simplificadas e polarizadas podem reforçar limitações na leitura crítica – núcleo do analfabetismo funcional. A crítica à passividade diante da informação midiática aponta para a necessidade de práticas pedagógicas que estimulem a análise de fontes diversas e contextos complexos. Nesse sentido, o ensino de geopolítica pode ser transformado em exercício de letramento crítico. Andrade e Barrocas (2023) propõem estratégias didáticas inovadoras para o ensino de Geografia Política, utilizando tiras da Mafalda e Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Embora não tratem diretamente do analfabetismo funcional, a valorização de linguagens diversas (como o humor gráfico e os recursos digitais) favorece a construção de sentidos complexos. A interpretação de tiras exige compreensão de ironias, relações de poder e contextos históricos, mobilizando competências essenciais para superar o analfabetismo funcional. Assim, o ensino de geopolítica, mediado por estratégias criativas, pode ampliar a capacidade dos alunos de ler o mundo com autonomia.



Por fim, o artigo de Flavio Luis Assiz dos Santos (2022) apresenta uma sequência didática voltada à introdução da geopolítica no Ensino Médio. Embora não aborde diretamente o analfabetismo funcional, a proposta de trabalhar conceitos como território, poder e fronteiras por meio de metodologias reflexivas exige habilidades de leitura crítica e interpretação contextual. Ao estimular o protagonismo estudantil e a análise de temas complexos, o ensino de geopolítica se revela como espaço privilegiado para o desenvolvimento do letramento crítico e da formação cidadã.

Em síntese, os cinco artigos analisados apontam para uma convergência: o ensino de geopolítica, mesmo quando não vinculado explicitamente ao analfabetismo funcional, possui potencial formativo para enfrentá-lo. A ausência de estudos que articulem diretamente esses três eixos (geopolítica, educação básica e analfabetismo funcional) evidencia uma lacuna teórica e metodológica que precisa ser preenchida. Este artigo, portanto, se propôs contribuir para esse debate, defendendo que práticas pedagógicas inclusivas, baseadas em metodologias ativas e linguagens múltiplas, podem transformar o ensino de geopolítica em ferramenta de emancipação intelectual e combate à superficialidade da leitura.

Considerações finais

Os desafios enfrentados pela docência na educação básica, especialmente no ensino de Geopolítica, revelam um cenário marcado por tensões estruturais e pedagógicas. A precarização das condições de trabalho, aliada às dificuldades de aprendizagem de educandos em situação de analfabetismo funcional, evidencia a complexidade de promover uma educação significativa e equitativa nesse contexto. Ensinar Geopolítica, disciplina que exige leitura crítica, interpretação de fenômenos globais e articulação de múltiplos saberes, torna-se ainda mais exigente diante das limitações cognitivas e linguísticas que muitos estudantes apresentam.

A revisão bibliográfica realizada neste estudo permitiu identificar propostas pedagógicas que valorizam metodologias ativas, recursos didáticos diversificados e práticas centradas no protagonismo dos educandos. No entanto, ao confrontar essas contribuições com o foco específico da pesquisa, observa-se uma lacuna importante na produção acadêmica: são escassos os estudos que abordam de forma sistemática estratégias voltadas ao ensino de Geopolítica para estudantes que, embora alfabetizados, enfrentam sérias dificuldades de leitura, interpretação e escrita.



Essa ausência aponta para a urgência de aprofundar investigações que considerem a realidade concreta dos educandos e os saberes construídos na prática docente. É necessário ampliar o debate sobre abordagens pedagógicas que articulem o ensino de Geopolítica com metodologias adaptadas às demandas cognitivas e sociais dos alunos em situação de vulnerabilidade educacional. Mais do que reconhecer os obstáculos, é preciso propor caminhos que valorizem a formação continuada dos professores, a adaptação curricular e o compromisso ético com uma educação geográfica que seja, de fato, acessível, crítica e transformadora.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Luiz Henrique; BARROCAS, Renata. Estratégias Didáticas para o Ensino de Geografia Política: proposta com base nas tiras de Mafalda, diferentes linguagens e TICS. **Revista GeoInterações**, v. 7, p. 145-172, 2023. DOI: <https://doi.org/10.59776/2526-3889.2023.4512>. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RGI/article/view/4512>. Acesso em: 12 jun. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Tradução: Sérgio Miceli. 6º ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CARDOSO, Felipe da Silva; SANTOS NETO, José Viturino dos; SILVA, Nelcilene Lima da; SILVA, Rafaella Larissa Gomes da. Geografia e Geopolítica no Ensino Fundamental: aproximações com a BNCC. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM GEOGRAFIA – ENANPEGE, 13., 2023, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ANPEGE, 2023. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/enanpege/2023/TRABALHO_COMPLETO_EV187_MD6_ID1744_TB1302_27112023233739.pdf. Acesso em: 31 mai. 2025.

CECIM, Jéssica da Silva Rodrigues. **A geopolítica na constituição do conhecimento geográfico escolar**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM GEOGRAFIA – ENANPEGE, 13., 2023, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ANPEGE, 2023. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/enanpege/2023/TRABALHO_COMPLETO_EV187_MD6_ID1743_TB1302_27112023233653.pdf. Acesso em: 31 mai. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 25º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LADEIRA, Francisco Fernandes; LEÃO, Vicente de Paula. Geopolítica mundial na mídia e seus reflexos no processo de ensino-aprendizagem em Geografia na Educação Básica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM GEOGRAFIA – ENANPEGE, 13., 2023, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ANPEGE, 2023. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/enanpege/2023/TRABALHO_COMPLETO_EV187_MD6_ID1742_TB1302_27112023233558.pdf. Acesso em: 31 mai. 2025.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2º ed. São Paulo: Cortez, 2013.



LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. 22º ed. São Paulo: Cortez, 2011.

REIS, Elisa Meirelles; TAVARES, Aline. **Analfabetismo funcional não apresenta melhora e alcança 29% dos brasileiros, mesmo patamar de 2018, aponta novo levantamento do Inaf**. 2025. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/analfabetismo-funcional-nao-apresenta-melhora-e-alcanca-29-por-cento-dos-brasileiros-mesmo-patamar-de-2018-aponta-novo-levantamento-do-inaf>. Acesso em: 20 mai. 2025.

SANTOS, Flávio Luiz Assiz dos. Introdução à Geopolítica no Ensino Médio: relato de experiência de uma sequência didática. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 12, n. 22, p. 05-18, jan./dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.46789/edugeo.v12i22.1200>. Disponível em: <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/1200>. Acesso em: 31 mai. 2025.

SOARES, Cristine. **Metodologias ativas: uma nova experiência de aprendizagem**. 1º ed. São Paulo: Editora Cortez, 2021.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch; LURIA, Alexandre Romanovich; LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Maria da Penha Villalobos. 11º ed. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.